Língua e Literatura
n. 3 (1974), 251-278

QUINZE ANOS DE LINGÜÍSTICA INDÍGENA BRASILEIRA
(Notas e informações)

Erasmo D'Almeida Magalhães

I — *Introdução*

O ano de 1954 marca o aparecimento de duas obras fundamentais que permitem uma visão nítida e global dos estudos de etnografia e lingüística indígena brasileira: *Apontamentos para a bibliografia da língua tupi-guarani (1)* e *Bibliografia crítica da etnologia brasileira* (2). A primeira, de autoria de Plínio Ayrosa, saudoso professor de Etnologia e Tupi-Guarani da Universidade de São Paulo, consta de 844 verbetes e inclui obras referentes a dialetos do tupi e manuscritos inéditos pertencentes a bibliotecas públicas e particulares, alguns ainda em poder dos próprios autores. O comentário da renomada tupinóloga Maria de Lourdes de Paula Martins diz bem da validade e importância dos trabalhos de Plínio Ayrosa, mormente o aqui indicado, quando lastima o fato de ter o autor sintetizado, ao máximo, a redação dos verbetes: "Nem se pode admitir tenha o A. procedido a tão rigorosa simplificação nos *Apontamentos*. A descrição bibliográfica, as ilustrações poderiam ser dispensáveis, não, porém, os comentários do A. *A crítica do especialista valia, na 1.ª edição, por pequenas ligações de tupi. Não sei se a brevidade de um catálogo puramente bibliográfico poderá compensar a ausência das indicações anteriores, pessoais, parciais mesmos, às vezes, mas expressivas, eloqüentes e, sobretudo, instrutivas*" (o grifo é nosso) (3)

Na *Bibliografia crítica,* de Herbert Baldus, organizador da Secção de Etnologia do Museu Paulista, há pouco falecido, o leitor depara com quase 1 800 indicações bibliográficas que "tratam das no-

---

(1). — Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), 1954. 261 p. Ilus. A 1.ª edição data de 1943 e contava com 855 verbetes. 2.ª edição rev. aum.

(2). — Edição da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. 856 p. Ilus. Em 1968 é lançada a 2.ª edição, com mais de mil indicações.

(3). — *Revista do Museu Paulista,* N.S., São Paulo, 9: 338, 1955.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org

tícias dadas pelos brancos acerca dos índios do Brasil e também das interpretações que tais notícias sofreram entre aqueles" Se bem que não dê especial atenção aos estudos de lingüística, os cultores desta disciplina ali encontrarão subsídios honestos e valiosos.

Em 1967, a antiga Cadeira de Línguas Indígenas do Brasil (4) lançou o trabalho de nossa autoria *Bibliografia descritiva de lingüística brasileira,* 1954-1965, onde anotamos, sumariamente, mais de 200 estudos. Uma nova edição, refundida e aumentada, deverá vir à luz em 1973.

O presente artigo visa tão somente a servir de orientação para os que desejam ter uma visão global sobre o estado atual dos estudos sobre os idiomas indígenas brasileiros. Organizamos um ficheiro, contendo mais de 35 títulos publicados entre 1954 e 1972, que serviu de base para estas notas. A coleta foi realizada nas seguintes bibliotecas: Central, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (U.S.P), do Museu Paulista, dos cursos de Antropologia e de Línguas Indígenas. (5)

Ao final o leitor encontrará, em "Apêndice" uma relação das línguas indígenas brasileiras, foco de investigação na atualidade.

II — *Os centros de estudos — Os pesquisadores*

Impossível negar que a Divisão de Antropologia do Museu Nacional e a do Museu Paraense Emílio Goeldi se constituem nos mais destacados centros de investigação indigenista brasileira, quiçá da América do Sul.

A primeira, criada em 1958, conta com um Setor lingüístico, órgão específico para estudos, pesquisas e tombamento das línguas indígenas e dos falares portugueses regionais do Brasil. Para se ter melhor idéia do âmbito de suas atribuições, é de todo conveniente ressaltar tópicos de seu regulamento no que se refere as suas atribuições:

> — organizar a bibliografia crítica das línguas indígenas brasileiras e dos falares portugueses regionais do Brasil;

---

(4) — Foi criada em 1962 em substituição à Cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani. Esta foi extinta quando da morte do Prof. Plínio Ayrosa, e agora integra o Departamento de Lingüística e Línguas Orientais da F.F.L.C.H. da U.S.P

(5) — Às bibliotecárias Sylene Baccarat e Nicea Barbosa e à Prof.ª Dr.ª Thekla Hartmann, nossa desinteressada colega, os sinceros agradecimentos.

— organizar os materiais referentes a cada língua indígena ou falar português regional do Brasil;
— promover as classificações na base desse material;
— executar, dirigir ou orientar pesquisas de ordem ingüística;
— organizar cursos de pós-graduação sobre lingüística geral, lingüística indígena, dialetologia portuguesa, fonética ou técnica de trabalho lingüístico de campo, a fim de preparar pessoas habilitadas para estudos, pesquisas e tombamento das línguas indígenas e dos falares portugueses regionais do Brasil;
— organizar um Centro de pesquisa e estudo lingüístico, a fim de congregar os esforços de pessoas ou instituições estranhas ao Museu no sentido do objetivo para que o Setor Lingüístico foi criado.

Acordo firmado entre o Museu Nacional e o Summer Institute of Linguistics, com sede na Califórnia, permite ao órgão federal ampliar de muito suas investigações científicas. Por tal instrumento legal o Summer se compromete a organizar o estudo das línguas indígenas brasileiras, compreendendo a análise dos sistemas fonéticos, dos padrões sintáticos e dos paradigmas morfológicos, além da compilação de amplo vocabulário. Compromete-se também a estabelecer o estudo comparativo das línguas indígenas brasileiras entre si e com as demais línguas indígenas americanas, bem como coletar e estudar lingüisticamente lendas, cantos e outros elementos do folclore indígena de natureza verbal. Procurará ainda fazer o registro fonográfico dos textos assim coletados, a fim de perpetuar para a posteridade a viva voz de cada tribo. (6)

Do plano organizado pelos lingüistas do Scmmer que trabalham no Setor Lingüístico podemos realçar os seguintes tópicos:

a) preenchimento provisório do Questionário do Formulário dos vocábulos padrões para estudos comparativos preliminares nas Línguas Indígenas brasileiras, do Museu Nacional como fonte informativa para os primeiros estudos;
b) fazer estudo das consoantes e das vogais do sistema fonológico das diferentes línguas;
c) anotar (ou gravar, se possível) uma quantidade significativa de pequenos textos, que contenham ao todo não menos de 100 frases;

---

(6). — Excertos do acordo. Vd. *O Setor Lingüístico do Museu Nacional*. Publicações Avulsas do Museu Nacional, n.º 49. Rio de Janeiro, 1965.

d) fazer um estudo completo dos elementos supra-segmentais da língua;
e) fazer um estudo detalhado da estrutura interna dos vocábulos que não são de natureza nominal ou verbal;
f) fazer um estudo completo da estrutura oracional, usando a análise, já feita, da estrutura de palavra e locuções.

Os mesmos lingüistas organizaram um formulário para estudos comparativos nas línguas indígenas brasileiras. O questionário, composto de 341 itens, procura padronizar a coleta a ser obtida dos informantes da língua em trabalhos de campo, que facilitará a análise do material pelos encarregados do fichário lingüístico do Museu Nacional. Foi preparado com base nas listas organizadas por Morris Swadesch (7) e Chestmir Loukotka (8)

Os pesquisadores americanos já vêm efetuando investigações junto a 37 tribos indígenas e devem estender seus estudos a 103 tribos conhecidas. Dessas investigações resultou a impressão e distribuição de cartilhas e textos doutrinários religiosos em diversas línguas indígenas, com versões para o Português. Atualmente, é pensamento instalar em Brasília, com ajuda do Ministério de Cooperação Econômica da Alemanha Ocidental, uma gráfica para que o grupo possa expandir sua ação (9)

Da quase meia centena de *Boletins* (Nova Série — Antropologia) publicados pelo Museu Emílio Goeldi, não poucos são dedicados a estudos de línguas indígenas da região Norte (Kaxuyâna, Hixkaryana Máku, Makuxí, Mura Pirahã, Pa'ikur, Tiriyó, Wapitxâna, etc.) e a sistemas de parentesco que muito interessam à etnolingüística. O Museu tem trabalhado em estreita colaboração com instituições estrangeiras, que alarga sua área de investigação. A Indiana University, através do Prof. Ernest Migliazza, é uma das instituições que deve ser mencionada. O pesquisador realiza um trabalho com dialetos da língua Yanomani, que pertence a família não determinada, estudando o grau de inteligibilidade entre esses dialetos e

---

(7) — Cuestionário para el cálculo lexico-estatístico da 1.ª cronologia pre-histórica. *Boletin indigenista Venezolano,* Caracas, 1953. Towards greater accuracy in lexicostatical dating. *International Journal of American Linguistics,* Baltimore, 21 (2): 121-127, 1955.

(8) — Línguas índígenas do Brasil. *Revista do Arquivo Municipal.* São Paulo, 54: 147-174. 1939.

(8). — Línguas indígenas do Brasil. *Revista do Arquivo Municipal.* trabalho. Vejam-se, por exemplo, os catecismos publicados por Bartolomeu Ciaccaria (*Hoymanauo na rowyatsuu — Catecismo para uso dos Xavantes.* São Paulo 1961) e Antônio Ciacone (*Pequeno catecismo em Português tucano.* Recife 1951). Já em 1919 eram lançadas as *Noções de catecismo em língua Bororo.*

tentando uma reconstrução da proto-língua à base de dados comparativos.

Os padres salesianos trabalham em duas regiões: norte de Mato Grosso e alto curso dos rios Amazonas e Negro.

Na primeira área o grupo melhor estudado é o Bororo, já que as investigações entre os Xavantes (10) ainda estão em sua fase inicial.

Como resultado da pesquisa, iniciada há cerca de 20 anos, surgiu a monumental *Enciclopédia Bororo* que compreenderá 4 alentados volumes (1.º — Vocabulário e Etnografia, 2.º — Língua, Lendas e Nomes, 3.º — Cantos, 4.º — Aculturação), os dois primeiros já publicados. Do primeiro volume (11) cabe indicar os seguintes capítulos: vocabulários Bororo-Português e Português-Bororo, vocabulários da linguagem do Aróe Et-awara are (xamã das almas), do Bári (xamã dos espíritos) do Iwóro (xamã dos espíritos) e do pranto ritual. No segundo volume (12) vamos encontrar reunidos 15 contos e lendas acompanhados de breve introdução, tradução portuguesa e notas explicativas. Ao final deparamos com uma lisa alfabética dos antropônimos.

Na região Norte merecem destaque, como estudiosos de idiomas indígenas, os salesianos Alcionílio Bruzzi Alves da Silva e Antônio Giacone.

O pe. Alcionílio Bruzzi, que desenvolveu por longo tempo inúmeras pesquisas quando de sua estada na Missão Salesiana do Rio Negro (Amazonas), recolheu trinta e oito vocabulários, a saber: 21 da família lingüística Tukano, 11 da família Arwake, mais os vocabulários das línguas Nheengatú, Makú, Kôhôrôsitari, Amõkapitori e Zurárapakidai (13) Também organizou uma coleção de 12 discos (14) Quatro reproduzem música instrumental, canções dos

---

(10) — Foram publicados alguns trabalhos de pequena envergadura. Veja-se, como exemplo, a "cartilha destinada aos meninos Xavantes, para que possam aprender a ler e a escrever": *Auwe romhuriñihodo cartilha para uso dos Xavantes das margens do Rio das Mortes,* de Bartolomeu Giaccaria. São Paulo, 1959.

(11) — Publicação n.º 1 do Museu Regional Dom Bosco. Campo Grande (MT) 1962. 1047 p. ilus.

(12). — Publicação n.º 2 do Museu Regional Dom Bosco. 1969. 1269 p. Ilus.

(13) — Em 1966 publica *Observações gramaticais da língua Daxsevé ou Tukano,* edição do Centro de Pesquisas de Iauarete, com a colaboração da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

(14). — "*Discoteca etno-lingüístico-musical das tribos dos rios Uaupés, Icana e Canabau*" São Paulo, 1961. 150 p.

homens, canções das mulheres, canções das moças e dos pajés. Oito discos cuidam, especialmente, do estudo da lingüística indígena: fonemas e lendas Tukano, vocabulários e lendas Nheengatu, vocabulário Tukano-Tuyuka-Bará, vocabulário Tukano Taryana, vocabulário Nheengatu-Jiboya, vocabulário Pirá-tapuya, vocabulário Suryana-Yurití, vocabulário Kumãdene, vocabulário Wanana-Kubewana, vocabulário Desana, etc.

Por mais de três décadas viveu na região amazônica, e mesmo tendo maior interesse pelo estudo lingüístico do grupo Tukano, o Pe. Giacone não se descuidou de outros grupos da área (15)

O Professor Frederico Edelweiss, catedrático aposentado da Universidade Federal da Bahia, sempre dedicou especial atenção às investigações sobre as línguas Tupi, mormente o Tupinambá. Uma síntese de sua obra e de seu pensar lingüístico pode ser vislumbrada na leitura de seus *Estudos Tupis e Tupis-Guaranis* (Rio de Janeiro, Livraria Brasiliana Editora, 1969. 301 p.) onde o autor faz comentários lingüísticos dialetais e cronológicos em volta do tupi original do brasiliano e do nheengatu; estuda comparativamente algumas alterações sucessivas mais gerais através dos vocabulários impressos, analisa a influência vária dos jesuítas, etc.

O Prof. Max Henri Boudin, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, que viveu por dois anos entre índios do alto e médio Gurupi, realizou exaustivo levantamento das línguas indígenas faladas na área, ou seja, os dialetos Tupi dos Urubu e Tembé-Ténêtéhar, e a língua dos remanescentes Timbira, grupo Gê (16)

Para melhor compreender o espírito da língua Tupi o autor idealizou uma espécie de trilogia, cuja primeira parte visa a analisar uma língua Tupi em função do simbolismo primitivo da linguagem e pode ser considerada como introdução geral ao estudo deste gênero de línguas (17) A segunda parte é o levantamento do capital

---

(15) — De suas muitas publicações assinalamos: *Pequena gramática e dicionário Português-Macú*. Belém, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1955. 101 p.; *Pequena gramática da língua taliaseri ou tariana*. Salvador, 1962. 110 p.; *Gramática, dicionários e fraseologia da língua Dahceie ou tucano*. Belém, 1965, 207 p.

(16). — Anteriormente, em 1947 e 1949, foi encarregado pelo antigo S.P.I. (Serviço de Proteção aos Índios) para proceder ao levantamento de dados sobre a língua Ia-Té. Leia-se como primeiros resultados: Singularidades da língua Ia-Té. *Verbum*, tomo VII, f. 1: 66-73. Rio de Janeiro, 1950; Os índios Fulni'o. Boletim da F.F.C.L. Presidente Prudente, 1 (1): 1-27, 1964.

(17) — *O Simbolismo verbal primitivo — análise estruturalista de um dialeto tupi-guarani*. Presidente Prudente, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1963, 170 p.

lingüístico dos Tembé-Ténêtéhar, que permite descortinar todas as possibilidades ideacionais de que o grupo dispõe (18) O "dicionário tende para uma dimensão histórica, citando as etimologias de autores seiscentistas ou clássicos, como Montoya, Batista Caetano, Restivo e outros, deixando assim à mostra a possível evolução ou involução dos dialetos do ramo tupínico. As variações modernas, em termos de dimensão geográfica, são apontadas por palavras correspondentes em guarani contemporâneo, permitindo comparar o idioma falado no Paraguay em contraposição com um dialeto usado por elementos indígenas do norte do Brasil" Como não é possível traduzir, em termos culturais ocidentais, palavras cuja fonte original é diferente da nossa, a terceira parte será uma síntese intitulada *Palavras e coisas tupi-guarani do Brasil*.

Na Universidade de São Paulo os estudos de lingüística indígena desenvolvem-se através do setor de Línguas Indígenas do Brasil (Departamento de Lingüística), com os diferentes professores cuidando de dois tipos de investigação — de lingüística indígena propriamente dita e de toponímia.

Em relação ao primeiro item cuida-se do levantamento da persistência de indigenismos no português falado no Brasil (19), da análise de textos dos índios Kaiowá, visando a um estudo descritivo dessa língua (20) e do estudo crítico-descritivo de gramáticas dos séculos XVII e XVIII (manuscritos pertencentes à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra) por parte de Carlos Drummond. Os manuscritos já filmados são:

ms. 81 — *Diccionario da lingua geral do Brasil* que se fala em todas as villas, lugares e aldeas deste vastissimo Estado. Escrito na cidade do Pará. Anno de 1771.

---

(18). — *Dicionário de Tupi moderno — dialeto Tembé-Ténêtéhar do alto rio Gurupi*. Presidente Prudente, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1966. 342 p.

(19) — Estudo sob orientação do Prof. Carlos Drumond com a colaboração do autor deste artigo.

(20) — A investigação é realizada pelo Prof. Jurn Jacob Philipson no Posto Indígena Francisco Barbosa. Em 1958 publicou a conversa de ñandejara dos índios Kayuá (*Miscelanea Paul Rivet Octogenaria Dieata*. 2: 431-433) Na IV Reunião Brasileira de Antropologia (São Paulo, 1963) apresentou comunicação sobre particularidades do sistema numeral dos índios Kaiová que "está dentro das possibilidades mentais dos Kaiová e condizente com a sua rica cultural espiritual e outrora bem desenvolvida cultura material" O mesmo professor está a cuidar da reedição comentada da gramática do Pe. Anchieta.

ms. 1089 — Doutrina Christã em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo Prof. Philippe Bettendorff, traduzida em língoa irregular, e vulgar usada nestes tempos.

É dever também lembrar que no Curso de Antropologia a Prof.ª Thelka Olga Hartmann não se descuida dos estudos lingüísticos (21) Nas investigações de campo seus alunos são orientados no sentido de aplicarem o "Questionário proposto para o registro de dados lingüísticos nos estudos comparativos das línguas indígenas do Brasil", elaborado por Mattoso Câmara.

"Dentre os assuntos que podemos englobar sob a rubrica geral de "estudos brasileiros, um dos mais negligenciados tem sido, sem dúvida alguma, o referente aos *nomes de lugares* ou de *acidentes geográficos*. Oferecendo manancial riquíssimo e praticamente inexaurível, composto de vultosa série de nomes das mais diversas origens, é de estranhar o pouco ou nenhum interesse que este ramo do saber tem despertado entre os nossos estudiosos. Enquanto na Europa, p. ex., os estudos de toponímia tem merecido o máximo de atenção, no Brasil, com raríssimas exceções, estudos deste gênero têm sido feitos mais a título de "curiosidade" sem os métodos apropriados a tal empreendimento, visando unicamente, em sua grande maioria, a pôr em destaque a ocorrência dos nomes de origem tupi dentro do acervo toponímico brasileiro. Nada mais são do que simples listas de palavras de origem indígena, acompanhadas de um provável significado. Raras foram as tentativas de restauração das formas antigas do topônimo, quando este deveria ser o procedimento fundamental, pois é fato notório que toda etimologia deve repousar, antes do mais, sobre o conhecimento e a interpretação das formas primitivas do nome. Digressões hipotéticas, baseadas na forma atual de um determinado nome, mesmo se a explicação parece evidente, podem conduzir a enganos desastrosos. A história das transformações dos nomes de lugares, a sua evolução fonética. as alterações de diversas ordens; o seu desaparecimento; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; os nomes inspirados por crenças mitológicas visando, algumas vezes, a assegurar a proteção dos santos ou de Deus, etc., são alguns dos aspectos que ainda não merecem a devida aten-

---

(21) — De interesse para a lingüística indígena é sua monografia de mestrado — *A nomenclatura botânica dos Boróro — materiais para um ensaio etno-botânico*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (U.S.P.); 81 p.

ção dos estudiosos brasileiros. Na realidade, não possuímos ainda toponimistas" (22)

Dentro desta ordem de idéias estão em organização o Dicionário Toponímico Brasileiro, onde avultam os geonomásticos de origem Tupi, Bororo, Karib e Aruak, o At'as Toponímico do Estado de São Pau'o (ATESP), este com a colaboração do Prof. Mário De Biasi, do Departamento de Geografia e um estudo sobre a Toponímia sul-rio-grandense (23)

III — *OS ESTUDOS*

a) o problema da classificação das línguas indígenas

Várias foram as tentativas para o estabelecimento de uma classificação das línguas indígenas brasileiras, tarefa que se afigura difícil em vista de uma vasta documentação dispersa, e nem sempre a mais precisa. Foi esta a razão para Aryon Dal'Igna Rodrigues afirmar que sua classificação é apenas consensual, isto é, um quadro provisório que mostra os agrupamentos sobre os quais há consenso de uma maioria de especialistas e o quadro classificatório se vai alterando à medida que se desenvolvem as pesquisas, sem que se possa oferecer ainda uma classificação homogênea e bem acabada (24) Das ponderações do autor cumpre ressaltar:

"Tronco e família são grupos de línguas que apresentam entre si semelhanças tais, que só se podem explicar por comum origem, mais ou menos remota, isto é, grupos de línguas que constituem fases modernas, diferenciadas, daquilo que no passado foi uma só e mesma língua (como, por exemplo. as línguas românicas ou neolatinas em relação ao latim de há 2.000 anos) As semelhanças conservadas em

---

(22). — Carlos Drumond *in Contribuição do Bororo à Toponímia brasílica,* p. 14-15. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (U.S.P.), 1965.

(23). — O *Dicionário* e o *Atlas* são coordenados pelos Profs. Carlos Drumond e Erasmo D'Almeida Magalhães. O estudo da geonomástica gaúcha, sob a responsabilidade do segundo, tem como ponto de apoio teórico o estudo de Benjamin Nuñes, *Términos geográficos en la Argentina Colonial,* Rio de Janeiro, 1965 — orientado por renomados especialistas como Tomas Navarro Tomas, Uriel Weinreich, Frederick H. Jungemann e Antonio Badia Margarit.

Sob a orientação do Prof. Carlos Drumond, a Prof.ª Arlinda Nogueira, Historiógrafa do Instituto de Estudos Brasileiros, tem pronto para publicação um estudo histórico-toponímico do Rio Tietê. A autora procedeu ao levantamento de todos os nomes dos afluentes e cachoeiras do Rio Tietê, registrados em cartas geográficas que se escalonam desde o séc. XVII até as atuais, cabendo-lhe o estudo etimológico dos topônimos de origem indígena e a sua classificação.

(24). — *Classificação genética consensual das línguas indígenas brasileiras,* Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1967.

comum pelos membros de uma família são mais numerosas e maiores do que as que reve am os membros de um tronco, e implicam menor antigüidade da língua original comum. Assim é que um tronco, de maior antigüidade, pode compreender várias famílias, além de línguas, isoladas quanto à relação de família."

Das classificações existentes podemos distinguir dois tipos: as gerais e as especiais, estas quando cuidam de um só grupo lingüístico.

Sobre as primeiras o Prof. Mattoso Câmara Jr. publicou argutas observações, destacando suas características (genética, areal e tipológica), suas vantagens e oportunidades distintas (25)

Observa a respeito da classificação genética (resultado de uma comparação gramatical que exige o conhecimento fonético cabal das línguas comparadas, o levantamento das suas formas gramaticais e uma perspectiva no tempo que permita estabelecer cadeias de formas na evolução do estado antigo para o atual) que "os seus resultados têm sido tão úteis como ordenação de conhecimentos lingüísticos e ponto de partida e orientação para o estudo, que plenamente se justifica procurarmos o exemplo para as línguas indígenas do Brasil" (26)

O mesmo autor repete com Joseph H. Greenberg que a classificação areal, fundamentada no princípio da difusão dos traços lingüísticos através de línguas variadas em contacto geográfico, é de grande importância para a antropologia cultural em razão da estreita correlação entre as áreas lingüísticas e as áreas culturais (27)

Quanto ao critério tipológico Mattoso Câmara afirma que "seria utópico procurar aplicá-lo às línguas indígenas do Brasil, onde só agora se começa a dirigir a pesquisa em linhas verdadeiramente rigorosas" (28)

Não poucos autores cuidaram do problema da filiação lingüística dos grupos indígenas brasileiros. Das classificações propostas as mais conhecidas são de Joseph Greenberg, A'den Mason, Meillet Co-

---

(25). — Classificação das línguas indígenas do Brasil, *Letras*, n.º 10: 56-66, Curitiba, 1959. Leia-se ainda, do mesmo autor, Do estudo tipológico em listas de vocábulos indígenas brasileiros, *Revista de Antropologia*, São Paulo, 7 (1-2): 23-30, jun.-dez., 1959. O problema da classificação das línguas indígenas. *In Introdução às línguas indígenas brasileiras*, 129-157. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1965.

(26) — Idem, p. 57.

(27). — Greenberg afirma: "É evidente, portanto, que é área lingüística, e não a família lingüística, que corresponde a área cultural, tanto nos processos históricos de formação como nas mais importantes características formais" (Ap. Mattoso Câmara, op. cit. p. 60).

(28) — Mattoso Câmara, op. cit. p. 61.

hen, Chestmir Loukotka, Aryon Dall'Igna Rodrigues e Antonio Tovar. Aqui só nos ocuparemos, ainda que superficialmente, daquelas publicadas após 1955

A tendência simplificadora de Greenberg faz com que totalidade das línguas indígenas brasileiras estejam distribuídas em a guns itens de apenas 3 filos: Madro-Chibcha, Andino-Equatorial e Ge-Pano-Carib:

I. Macro Chibcha

A. Chibcha

1 Chibcha-Duit, Tunebo group, Aruaco group, Cuna-Guami-Dorasque, Talamanca group. Rama-Guatuso
2. Misumlpan, Paya, Xinca, Lenca
3. Shiriana

B. Paezan

Chuoco, Cuaiquer, Andaki, Paez-Coconuco, Colorado-Cayapa, Warrau, Mura-Matanawi, Jirajira, Yunca, Atacameno, Itonama

II. Andino-Equatorial

A. Andino

1. Ona, Yahgan, Alakuluf, Tchuelche, Puelche, Araucano
2. Quechua, Aymara
3. Zaparoan (incluindo Omurano, Sabela); Cahuapana
4. Leco, Sec, Culle, Xibito-Cholon, Catacao, Colan
5. Sicacu

B. Jibaro-Kandoshi, Esmeralda, Cofan, Yaruro

C. Macro-Tucanoan

1. Tucano (incluindo Auixira), Catuquina, Ticuna, Muniche, Auaque, Caliana, Macu, Yuri, Canichana, Mobima
2. Puinave

D. Equatorial

Arawak (incluindo Chapacura-Uanhaman, Chamicuro, Apolista, Amuesha, Araua, Uru), Tupi (incluindo Ariqueme), Timote, Cariri, Zamuco, Guahibo-

Pamigua, Saliban, Otomaco-Taparita, Mocoa, Tuyncri Yurucare, Trumai, Cayavava

III. Ge-Pano-Carib

A. 1. Macro-Ge, Caingang, Camacan, Machacali, Puri, Patacho, Malali, Coropo, Botocudo, Chiquita, Guato, Fulnio, Oti (prov)
2. Bororo
3. Caraja

B. Macro-Panoan
Tacana-Pano, Moseten, Mataco, Lule, Vilela, Mascoy, Charrua, Guaycuru-Opaie

C. Nambicuara

D. Huarpe

E. Macro-Carib
Carib (incluindo Pimenteira e Palmella), Pebàn, Witotoan, Cucura (prov.)

F Taruma (29).

Chestmir Loukotka por mais de três décadas sempre teve como preocupação prmeira o estabelecimento do parentesco entre diferentes grupos indígenas su-americanos, desenvolvendo o método léxico-comparativo com base na ampliação do vocabulário padrão de Brinton, que fundamentou sua classificação na comparação de vocabulários típicos. O lingüista thecho em várias oportunidades, a última em 1968 (30), publicou os resultados de seus estudos, onde o leitor pode deparar com a constante reformulação das tábuas classificatórias, junto de estudos cada vez mais acurados que buscavam fixar uma classificação definitiva.

Com fundamento na tabela de gradação proposta por Morris Swadesh (31) o Prof. Aryon D. Rodrigues, na ocasião lecionando

---

(29). — "The General classification of Central and South American Languages" *in Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences,* Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1956. p. 791-794.

(30) — *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles, University of California (Latin American Center) — 438 p. Mapa. Dentro do mesmo esquema leia-se ainda: Les langues non Tupi du Brasil du Nord-Est, *Anais do* 31.º *Congresso Internacional de Americanistas,* 2: 1029-1054. São Paulo, 1955.

(31). — Towards a satisfatory genetic classification of Amerindian Languages, *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas,* v. 11 p. 1001-1012. São Paulo. Edit. Anhembi, 1955.

Leonardo M. Castañeda expõe em seu trabalho alguns problemas de parentesco lingüístico en Sudamerica, *Anales del XXXV Congresso Internacional de Americanistas,* v. 2: 477-493, México, 1964, faz uma aplicação do método léxico-estatístico à família Tupi-Guarani.

na Universidade de Brasília, publica "A classificação do tronco lingüístico Tupi" (32) "Embora a tabela se fundamente na glotocronologia, de maneira que cada grau corresponde a um período de tempo de desenvolvimento divergente das respectivas línguas, não nos propomos empreender qua quer datação, especialmente porque o material examinado ainda apresenta muitas lacunas. Trabalhamos apenas com as porcentagens de cognatos (isto é, vocábulos conservados em comum), que implicam, sem dúvida, distância temporal" (33)

Assim vamos encontrar cerca de 30 línguas agrupadas em sete famílias: Tupi-Guarani, Yuruna, Arikêm, Tupari, Ramarâma, Mondé e Puruborá.

Ainda em relação à família Tupi-Guarani, baseado na estatística lexical, estudou e comparou as diversas línguas "impuras" entre si e com línguas representativas do tipo "puro", considerando as seguintes, todas do sul do rio Amazonas: Yuruna, Sipaya, Manitsawá, Kuraya, Mundurukú, Maivé, Arikém, Makurap, Karitiana. Kepkiriwat, Mondá, Sanamaikã, Ntogapid, Ramarama, Urumí e Puruborá (34)

Em 1967, Aryon Rodrigues apresenta uma "Classificação genética consensual das línguas indígenas brasileiras" onde distingue três troncos (Tupi, Macro-Jé. Aruak), um grupo de famílias ainda não classificadas em troncos e línguas ainda não classificadas em famílias (35)

Na classificação tipológica das línguas indígenas sul-americanas proposta por Antonio Tovar (36), que se fundamenta nos traços relevantes (37), deparamos com 4 tipos: 1º) informe ou isolante (Bororo, Botocudo, etc.), 2º) aglutinante (Araucano, Quechua, Ayma-

---

(32) — *Revista de Antropologia,* 12 (1-2): 99-104. São Paulo, 1965.

(33) — Idem, p. 100-101.

(34). — As línguas impuras do família Tupi-Guarani, *Anais do* 31.º *Congresso Internacional de Americanistas,* 2: 1055-1071. São Paulo, 1955.

(35) — A respeito de grupos de uma área geográfica restrita o leitor conta com o estudo do mesmo autor Grupos lingüísticos da Amazonia — *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica,* 2:29-39. Belém, 1967.

(36). — *Bosquejo de um mapa tipológico de las lenguas de America del Sur,* Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1961, 19 p.

(37). — Explica o autor: Nuestra síntesis tipológica de lenguas de América del Sur buscará los rasgos salientes donde es posible hallarlos: en el quechua subrayará la subordinación de los sufijos acumulados en el guarani, el mataco, y en mayor medida en el cuna, descubrirá rasgos incorporantes. La libertad en el orden de palabras y la falta de morfemas para indicar lo que para nosotros es tan indispensable como el "caso" gramatical o local, o el tiempo verbal, nos llevará a sostener la existencia de un tipo 'informe' en cierto sentido. Al menos, no queremos olvidar que la comparación consiste esencialmente en poner juntos datos que deben ser observados con la misma base metódica"

ra, etc.), 3.º) incorporante (Chibcha, chiquito, etc.), 4.º) amazônico ou misto (Caribe, Guarani, etc)

Protásio Frikel, atualmente no Museu Emílio Goeldi, propôs uma classificação esquemática para os grupos indígenas que habitavam parte do Estado do Pará (38), onde é quase que absoluto o domínio da população Karíb, dividida em cinco grandes grupos que, apesar de "formarem, de per si, unidades autônomas e distintas, revelam um denominador comum que poderíamos chamar de Karaíbismo ou, talvez melhor, Karíbismo, encontrando em todos os grupos uma espécie de cultura standard, com variantes embora na linguagem há um número fixo de radicais e palavras, uma espécie de 'Basic-Caribam', que existe em todos os dialetos e com o qual (como bem sei pela experiência de muitos anos) inicialmente o forasteiro pode se defender, até que tenha aprendido o novo dialeto do grupo em que se acha" (39)

b) Estudos gerais e especiais

Pouco são os estudos, diríamos globais, sobre uma língua indígena. O mais comum é encontrarmos excelentes trabalhos sobre determinados aspectos lingüísticos, mormente os que dizem respeito à fonética e à fonologia e à morfo-sintaxe.

Dos chamados estudos gerais merecem atenção, entre outros, os realizados por Geraldo Lapenda, Robert E. Meader, Pe. Alcionílio Bruzzi Alves da Silva, Max Boudin, Ursula Wilsemann, Antônio Lemos Barbosa.

O trabalho de Lapenda sobre o Ia-Tê resulta de pesquisa de campo iniciada em 1953, em Águas Belas e entre os "caboclos que a vida afastou do aldeamento para o exercício de vários mistérios entre nós" (40)

Toda a primeira parte é dedicada à fonética: sistema articulatório das vogais e das consoantes, freqüência fonética das vogais e consoantes, etc. O restante do livro cuida principalmente dos aspectos sintáticos e morfológicos. Ao final analisa as tendências

---

(38) — Classificação lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes, *Revista de Antropologia*, São Paulo, 6 (2): 113-189, dez., 1958. Mapa. O autor distingue três troncos: Aruák, Tupi e Karib.

(39) — Idem, p. 119-120.

(40) — *Estrutura da Língua Ia — Tê — falada pelos índios Fulniôs em Pernambuco*, Recife, Imprensa Universitária (Universidade Federal de Pernambuco) 1968. 228 p. O mesmo autor publicou um vocabulário com apêndice ao estudo *Etnologia Brasileira — Fulniô os últimos Tapuias*: de Estevão Pinto. São Paulo, Editora Nacional, 1956, p. 265-176.

atuais da língua, os empréstimos oriundos do português e as semelhanças morfológicas e sintáticas entre o Ia-Tê e o Kariri (41)

Sobre o estudo de Robert E. Meader, *Iranxe: notas gramaticais e lista vocabular* (Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1967 Publicação — Série Diverso Lingüística II. 139 p.), dividido em cinco partes: 1 — Fonêmica: fonemas, estrutura silábica, distribuição de fonemas, 2 — Morfo-fonêmica e ortografia, 3 — Morfologia (morfologia, verbos, nomes, partículas), 4 — Sintaxe: construção de cláusulas, de períodos e de locuções, 5 — Lista lexical: verbos, nomes, partículas; assim escreveu o Prof. Mattoso Câmara:

"Podemos dizer, sem menoscabo dos abalizados antropólogos do passado, como Nimuendaju, Steinen, Koch-Grunberg e outros que procura, fazer com probidade e esmero coletas lingüísticas, que é esta a primeira vez que sai uma publicação brasileira sobre língua indígena de nossa área territorial dentro da rigorosa técnica descritiva e na base de uma pesquisa de campo processada em plano amplo e compreensivo, de maneira a fornecer uma imagem global da língua como meio de comunicação e de representação da respectiva cultura" (42)

O mesmo grupo indígena, que se autodenomina Munku, palavra que significa gente, está sendo investigado pelos jesuítas Adalberto Holanda Pereira, da Missão Anchieta, sediada em Diamantino, Mato Grosso (43) e José de Moura (44), sobre o qual publicaram estudos.

O Tupinambá foi acuradamente investigado pelo Pe. Antônio Lemos Barbosa no seu livro *Curso de Tupi Antigo* (Rio de Janeiro,

---

(41). — "Embora os índios mais velhos procurem conservar a pureza da língua, não podem evitar que ela se transforme, não só pelos neologismos indispensáveis por causa do contacto com a civilização, como principalmente porque os índios jovens deixam muitas vezes de usar formas legítimas do Ia-Tê para empregar vulgarismos e lusitanismos quase sempre desnecessários. Hoje por exemplo, são poucos os que conhecem as palavras Walwa (escravo, empregado), goya (lagartixa), substituídos respectivamente por moso, Katexa" Op. cit. p. 199.

(42) — Idem, p. 3.

(43). — Vocabulário da língua dos Irántexe. *Revista de Antropologia,* São Paulo, 12 (1-2): 105-115, jul. — dez. 1964.

(44) — a) Os Iranche — contribuição para o estudo etnológico da tribo. *Pesquisas,* Porto Alegre, 1: 143-180, 1957 Contém breve estudo da língua (vocabulário, antroponímia, etc.) e transcrição de orações cristãs na língua indígena.

b) *Os Munku — 2.ª contribuição ao estudo da tribo Iranche,* Porto Alegre, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1960. 59 p.

A segunda parte é toda ela destinada ao estudo da língua (p. 13-42) e na terceira são transcritas oito lendas em Iranche, seguidas de tradução portuguesa.

Livr. São José, 1956. 479 p.) que "versa" sobre a língua documentada nos dois séculos que medeiam entre 1550 e 1750. Apresenta-se como sistematização das obras de Anchieta e Figueira, aproveitadas, quando compatíveis com o Tupi, as observações de Montoya e Restivo sobre o Guarani" (p.11) São do mesmo autor o *Pequeno vocabulário Tupi-Português* (Rio de Janeiro, Livr. São José, 1955 202 p.), onde ao final do livro o leitor depara com estudos a respeito da língua (perfil da língua Tupi, palavras compostas e derivadas, metaplasmos) e *Pequeno vocabulário Português-Tupi* (Rio de Janeiro, Livr. São José, 1970. 228 p.) que contém um estudo sobre a nomenclatura de parentesco.

A língua Pawixána, grupo Karib habitante da margem esquerda do rio Catrimani, foi estudada por Alcuino Meyer, que sobre ela já publicou um "Pequeno ensaio a tribo Pauxiána e sua língua comparada com o idioma Makuxi" (45)

Ernesto Migliazza cuida da língua dos Xirianá, grupo Aruak das fronteiras com a Venezuela, e dos Máku (46), grupo que vive ni médio vale do Uraricuera. A respeito preparou e publicou vários tabalhos (47)

O mesmo autor trabalha com a língua Yanomami, de família não determina. Estuda a diferenciação lingüística entre os dialetos do Yanomami, interessado que está na diferenciação e na inteligibilidade entre esses dialetos e na reconstrução da proto-língua com base nos dados comparativos.

Alentado é o estudo do Pe. Alcionílio Bruzzi sobre a língua Tukano. que está dividido em quatro partes: I — Fonologia: símbolos e sons, acentuação ou prosódia, fenômenos fonéticos; II — Morfologia: vocábulos, gêneros e números, artigo e declinação, adjetivos e pronomes, verbo, advérbio, preposições. conjunções; III — Etimologia; IV — Sintaxe: ordem dos elementos na proposição sintaxe do número plural, partículas, graus de comparação, expressões

---

(45) — *Anais da 2.ª Reunião Brasileira de Antropologia,* p. 166-185. Salvador, Universidade da Bahia, 1957

(46) — A língua dos Máku classificada como isolada, tem indícios léxico-estruturais que apontam uma possível relação genética com o grupo Tupi, atualmente conta com três falantes.

(47) — Shiriana phonology, *Antropological linguistics,* Bloomington. 3 (6): 31-41, jun. 1961; *Análise de um pequeno corpo lingüístico Xiriana nos sistemas Tagmemico e generativo* (Indiana University, 1962); Notas sobre a organização social dos Xiriana do rio Uraricaá, *Bol. do Museu Paraense Emílio Goeldi,* n.º 22. Belém, 1964. 19p.; Fonologia Máku, Ibid., nº 25. Belém, 1965. 26 p.; Esboço sintático de um corpus da língua Máku, Ibid, nº 32. Belém, 1966, 38 p.

enfáticas e idiotismos (48) O autor não deixou de dar ênfase aos "neologismos e híbridos", estudando a influência de outros idiomas, inclusive o português, sobre a língua Tukano. As influências de outros idiomas indígenas têm dupla fonte: "1 — as relações comerciais, sociais e exogâmicas dos Tukanos com essas tribos; 2 — de modo mais marcante, o servirem-se do idioma Tukano, ao lado ou mesmo em substituição do idioma natal" "É crescente a influência da língua portuguesa, por tríplice título: 1 — sugerindo a criação de neologismos, de acordo com o espírito do idioma Tukano; 2 — impondo a aceitação de muitos vocábulos; 3 — fornecendo elementos para a formação de numerosos híbridos" (49)

A Prof.ª Úrsula Wieseman tem dado especial atenção ao estudo do Kaingang. Na IV Reunião Brasileira de Antropologia (Curitiba, 1959) apresentou um estudo sobre os sistemas fonêmicos dos dialetos Kaingang, falados em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Posteriormente publica "Phonological syllables and worts in Kaingáng" (50) e em 1969, na reunião da ALFAL (São Paulo), discorre sobre as distinções de tempo na língua Kaingang. Em "Semantic categories of good and bad in relation to Kaingáng personal names" (51) a autora afirma que "teve a oportunidade de verificar a alta importância da área semântica de duas palavras que os índios igualmente traduzem por pessoa. Uma investigação mais profunda veio mostrar que uma das palavras se refere efetivamente a nomes de pessoas e a outra à posição social da pessoa. Esta última pode ser qualificada por "bom" ou "mau" Neste caso "bom" significa "com poder místico" e "mau", "sem poder místico"

A tese de doutoramento de Wieseman é uma completa descrição da língua falada pelos Kaingang do Estado do Paraná, usando os modelos propostos pela teoria tagmêmica. É acompanhada por um apêndice, "Kaingang phonemics" (p. 200-211), autoria de Glória Kindell, complementado por uma lista vocabular Português-Inglês-Transcrição Fonêmica-Transcrição Fonética (52)

Dentre o que denominamos estudos especiais, relativos a determinados aspectos da língua, avultam os de fonética e fonologia

---

(48) — *Observações gramaticais da língua Doxsevé ou Tukano,* Centro de Pesquisas de Iauareté, 1966. 404 p.

(49). — Idem, p. 31.

(50). — *Beitrage zur Volkekunde Sudamerikas,* p. 307-313. Hannover, Viedersachsisches Landesmuseum, 1964

(51) — *Revista do Museu Paulista,* 12: 177-184. São Paulo, 1960.

(52). — *Die Phonologishe und Grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache.* Haia, Mouton, 1972. 211 p.

e os de morfo-sintaxe, muitos devidos a pesquisadores do Summer Institute of Linguistics que atuam com apoio do Museu Paraense Emílio Goeldi e Museu Nacional da Universidade Federal da Guanabara.

Sobre os Terena, John T Bendon-Samuel publicou vários trabalhos, entre eles "Some problems of segmentation in the phonological analysis of Tereno" (53), "A structure-function description of Terena phrases" (54), "Stress in Terena" (55), "Some Prosodic features in Terena" (56) No primeiro mostra, com base na moderna distinção entre segmentação fonêmica e prosódica, que a segmentação prosódica permite, muitas vezes, uma análise mais integral dessa língua, embora levante alguns problemas controvertidos. Na segunda publicação descreve a estrutura interna e função externa, nominal, verbal e adverbial das frases interrogativas em Terena.

Ao estudo da língua dos Wáiwái, grupo Karib habitante do alto rio Mapuera e rio Essequibo, Neill Hawkins dedicou especial atenção. Em *A fonologia da língua Uáiuái* (São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1952) aplica a teoria fonêmica, especialmente da forma desenvolvida pela escola norte-americana, descrevendo os fonemas, analisando sua distribuição, estudando os processos fonológicos. A análise baseada na forma, e não na semântica, para evitar o perigo de impor categorias gramaticais de línguas européias numa língua indígena americana, com definição formal e distinção da classe do substantivo, é o tema exposto em "A morfologia do substantivo na língua Uáiuái", Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1962. Publicações avulsas n.º 21 31 p. Também de sua lavra, em parceria com Robert Hawkins, é "Verb Inflection in Waiwai (Carib)" (57), onde leva em conta os afixos verbais, acompanhado de análise fonêmica e morfológica.

Irvine Davis tem dedicado especial atenção à investigação das línguas do grupo Jê. Seu trabalho "Comparative Jê Phonology" (58) é uma estudo genético-comparativo da família lingüística Jê e visa reconstruir a fonologia do Proto-Jê. O autor focaliza cinco dessas línguas, reunindo as duas muito próximas entre si (Apinajé e Canela), o Suyá, que apresenta importantes traços próprios específicos, o Xavante, que pertence a outros ramos da família e o Kain-

---

(53) — *Word,* N. York, 16 (3): 348-355, dec.1960.

(54). — *Canadian Journal of Linguistics,* 8 (2): 59-70, 1963.

(55). — *Transactions of the Philological Society,* 105-123. Oxford, 1963.

56) — *In memory of J. R. Firth,* p. 30-39. Charles Bazell (ed.). London, Longmans Green, 1966.

(57). — *International Journal of American Linguistics,* Bloomington, v. 19 (3): 201-211, 1953.

gang, que alguns indigenistas não consideram Jê e outros a colocam ao lado da família Jê estritamente dita, para com ela entrar num bloco mais ampo, o Macro-Jê. Ao contrário desses pontos de vista, o autor vê no Kaingang uma língua mais ligada ao Jê stricto sensu do que o Xavante.

A propósito da língua Ofaié-Xavante, Sarah Gudschinsky procurou demonstrar seu parentesco genético com outras línguas classificadas com pertencentes à família Jê (59) Eunice Burgess compara duas análises das sílabas do Xavante e mostra as vantagens da análise prosódica sobre a análise fonêmica (60), que "conquanto satisfazendo aos fenômenos fonéticos da língua, estava em desajuste com a reação observada no falante nativo com respeito a esta parte de sua língua"

Estudo minucioso do campo e da importância da nasalização na língua Xiriana (61) foi realizada por Frances V Tracy onde cuidou das consoantes nasais que nasalizam as vogais do mesmo vocábulo, dos vocábulos semelhantes que nunca têm nasalização, dos vocábulos livres com nasalização fonêmica que resulta na nasalização dos vocábulos ligados ou adjacentes, etc.

A descrição do sistema fonêmico do Maxakali foi a tarefa a que se impôs Sarah C. Gudschinsky, analisando a sílaba e os fonemas segmentais, sem deixar de lado os problemas de ordem psicolingüística (62)

A respeito da sílaba a autora pondera:

"A description of the phonemic system of Maxakalí is complicated by the fact that two sets of data are needed simultaneously. On the one hand, any discussion of the classification, distribution, or allophonic variation of the segmental phonemes requieres a description of the syllable [2] But any discussion of the syllable in Maxakalí requieres reference to syllable variants of the consonants and to phonetic transition phenomena. This conflict is resolved by presenting the syllable structure first, with the contrastive evidence which supports the analysis and with forward reference to the phonetic detail which is given in the detailed description of the individual phonemes. The syllable is then used as the matrix for the distribution of the phonemes and as a conditioning environment for some of the variant.

---

(58) — *Estudos lingüísticos,* São Paulo, I (2): 10-24, dez. 1966.

(59). — Ofaié-Xavante, a Jê language. *Estudos sobre línguas e culturas indígenas,* 1-16. Brasília, Summer Institute of Linguistics, (S. I. L.), 1971.

(60). — Duas análises das sílabas do Xavante. *Estudos sobre Línguas e culturas indígenas,* 96-102. Brasília. S.I.L. 1971.

(61) — *Nasalização em dois âmbitos do dialeto Palimitheli da Língua Xiriana.* VI Reunião Brasileira de Antropologia.São Paulo, 1963.

This analysis is tagmemic, and as such its outstanding characteristics are as follows:

1. The phonological structure is hierarchical, wich emic units acvarious levels-including, among others, syllable, foot, and utterance. 2. The phonemes are psycholinguistic units, demonstrable by observable native reaction as units that the native speaker in fact manipulates in his use of his own language. 3. Each unit is defined by its contrastive-identificational features, its variants, and its distribution in the units of higher levels of the hierarchy."

Trabalho de natureza folclórica que muito pode complementar o estudo anteriormente referido é "The sun and the moon, a Maxakali text" (63) da autoria de Harold Popovich.

Especial atenção aos alofones da língua Apinajé foi dada por Eunice Burgess e Patricia Ham no trabalho intitulado "Multilevel conditionin of phoneme variants in Apinajé" (64)

Um estudo amplo dessa mesma língua serviu de tema para a tese de doutoramento de John Gallow, na Universidade de Londres: "The Apinajé language: phonology and grammar"

Do tronco Tupi-Guarani, além daqueles já mencionados anteriormente, foram e estão sendo estudadas em suas particularidades as línguas Assurini, Kaiwá, Tupinambá, Oyampi, Nheengatu, etc.

Sob a orientação de Aryon D. Rodrigues, está em estudo a fonologia da língua Aweti (65), pela Prof.ª Ruth Montserrat, e cuida-se da análise estrutural do Guarani antigo, tarefa de Daniele Rodrigues.

Com base nos vocabulários registrados pelo Pe. Alcionílio Bruzzi, no alto curso do rio Negro, Aryon Rodrigues, Daniele Ganier e Sarita Porto estudaram os fonemas do Nheengatu (66) Os autores informam que o "Nheengatu tem incorporado empréstimos lexicais do Português e outras línguas indígenas, particularmente de línguas do grupo Aruak. A estes empréstimos devem-se vários dos

---

(62). — Native reaction and phonetic similarity in Maxakalí Phonology *Language*, N. York, 46 (1): 77-78, março, 1970.

(63). — *Estudos sobre Línguas e culturas indígenas*, 29-59. Brasília, S.I.L., 1971.

(64). — *Linguistics*, Haia, 41:5-18.

(65). — Em colaboração com Charlotte Emmerich publicou: A fonologia da língua Aweti (Tupi). Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1972. *Boletim (Antropologia)* n.º 25. 18 p.

(66). — Comunicação apresentada a 6.ª Reunião Brasileira de Antropologia.

fonemas depreendidos nesta anál'se. São eles /b d f vl/, os quais ocorrem todos em empréstimos do Português, /b e/ d/ apareçam também em empréstimos atribuídos a línguas Aruak"

Dentre os estudos de Frederico Edelweiss contamos com um sobre a segunda conjugação Tupi (67), que afirma ser "constituída somente de adjetivos, que continuam como tal, apesar de serem conjugadas, pois os substantivos em Tupi são adjetivos e portanto conjugáveis" Também do mesmo autor é "Guasu e usú na diacronia das línguas e dialetos tupi-guaranis" (68) onde primeiramente passa em revista o uso das formas nos trabalhos de Jean de Lery, Fernão Cardim, Gabriel Soares de Souza, Claude D'Abbeville, Ivo D'Eureux, Pe. Bettendorff, etc. Depois estuda as formas correspondentes que ocorrem no Sirionó, no Guarani atual e no Tenetehara.

Cabe ainda mencionar trabalhos de membros do Summer Institute of Linguistics sobre línguas da família Tupi-Guarani de Marjorie Crofts, "Repeated morphs in Mundurukú" (69), de Barbara J Kroeber, "Constrastive distribution of phoneme classes in Içuã Tupi" (70) e de Sarah Gudschinsky e Waldo M. Aaron, "Some relational post-positionals of Guarani" (71)

Ao lado dos trabalhos de ordem lingüística propriamente dita, devem ser mencionados os realizados por antropólogos que cuidaram da organização social e dos diferentes sistemas de parentesco. Evidentemente, tais investigações, analisadas dentro dos postulados propostos pela etno-lingüística, permitirão aos lingüistas novos campos de ação.

Como exemplificação aqui vão arrolados alguns títulos:

ARNAUD, Expedito
A terminologia de parentesco dos índios Asurini
Rev. do Museu. Paulista, N.S., São Paulo, XIV: 105-119, 1963.

DAVIS, Irvine
A semantic analysis of Paresi Kinship terminology
Comunicação ao Simposio da ALFAL. São Paulo, 1969

---

(67). — *O caráter da segunda conjugação Tupi e o desenvolvimento histórico do predicado nominal nos dialetos Tupis-Guaranis* Salvador, Livr. Progresso Edit. 1958. 156 p.

(68). — *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,* São Paulo, 8: 51-64; 9:65-80; 10:29-62; 11:77-89; 12:59-78; 1970, 1971 e 1972.

(69) — *Estudos sobre línguas e culturas indígenas,* 60-80. Brasília, S.I.L., 1971.

(70) — *Anthropological Linguistics,* 10 (6): 12-21, Jun. 1968.

(71) — *Estudos sobre línguas e culturas indígenas,* 81-95. Brasília, S.I.L., 1971.

DINIZ, Edson Soares
Os Kayapó-Gorotire: aspectos sócio-culturais do momento atual
Bol. do Museu Paraense Emílio Goeldi
(Antropologia nº 18), Belém, 1962. 40 p.
De particular interesse são os estudos sobre o sistema de classes etárias e nominação.
Breves notas sobre o sistema de parentesco Makuri
Bol. do Museu Paraense Emílio Goeldi
(Antropologia nº 28), Belém, 1965. 16 p.
FRIKEL, Protásio — CORTEZ, Roberto
Parentesco classificatório Tiriyo e tipos de casamento *in*
Elementos demográficos do alto Paru do Oeste, 91-101. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1972.
KOEHN, Sally
Componentes semânticos do sistema Apalaí de parentesco
Comunicação apresentada ao Simpósio da ALFAL. São Paulo, 1969
LARAIA, Roque de Barros
A estrutura do parentesco Tupi
Estudo sobre línguas e culturas indígenas, 174-212.
Brasília, S.I.L., 1971.
MAYBYRY-LEWIS, David
Kinship and social organization in Central Brazil
Anais do 32.º Congr Internacional de Americanistas, 123-135.
Copenhagen, 1958.
OLIVEIRA, Adélia Engrácia de
Parentesco Juruna
Bol. do Museu Paraense Emílio Goeldi
(Antropologia nº 45), Belém, 1970. 44 p.

A aculturação lingüística entre os indígenas brasileiros não tem sido objeto de maior interesse por parte dos lingüistas.

Dale Kietzman cuidou de tal problemática entre os Terena (72) "Em vocabulário obtido com informantes pertencentes a três classes etárias, notou o autor que somente os indivíduos mais velhos conhecem a totalidade de termos Terena. Como resultado do efeito de contato sobre os elementos mais jovens, diz o autor que há um grupo muito grande de "palavras desconhecidas às novas gerações e potencialmente perdidas para a língua, (que) pode-se definir como de nomes de itens culturais que saíram do uso comum e que raramente, senão nunca, se nos deparam na época atual"

---

(72). — Tendências de ordem lexical de aculturação lingüística em Terena. *Rev. de Antropologia,* São Paulo, 6 (1): 15-21, 1958.

Uma análise geral dessa ordem de aculturação foi feita por Egon Schaden (73), que se interessou principalmente pelo papel da língua geral como dissolvente da barreira entre índios e brancos e, por conseguinte, fator de aculturação.

O Pe. Alcionílio Bruzzi (vejam-se obras citadas) teve sua atenção voltada para as influências lingüísticas entre tribos do alto Amazonas e Frikel se interessou por tal ocorrência entre os Tiriyó (74).

Muitos trabalhos dizem respeito aos empréstimos do Tupi para o português falado no Brasil, estudos estes nem sempre realizados dentro de um linha metodológica científica.

Dentre os autores cujas ponderações merecem acolhida estão Maria de Lourdes de Paula Martins, Florival Seraine, Serafim da Silva Neto e Aryon Dall'Igna Rodrigues.

A primeira autora (75), sugere que o estudo do português falado pelos índios Guarani de Itanhaém poderá servir, como ponto de partida, para investigação produtiva no tocante à influência indígena no português comum da hinterlândia brasileira (75)

Seraine estuda com proficiência fatos da "dialetologia cearense" (76), baseado em inúmeras pesquisas de campo. Serafim da Silva Neto procurou pôr em seus devidos termos a influência do Tupi no português dito caboclo (77) Em "Sobrevivência lingüística Tupi no caiapó paulista" (78), Aryon Rodrigues nos dá boa mostra de ordem metodológica a ser seguida no estudo da temática focalizada.

A comissão de lingüística do 34.º Congresso Internacional de Americanistas (Viena, 1960), integrada pelos professores Normam A. Mcqwon e Maurício Swadesh, apresentou um projeto de inves-

---

(73). — A aculturação no plano lingüístico in "Aculturação indígena *Rev. de Antropologia,* São Paulo, 13 (1 e 2), 1965. 315 p.

(74). — Influências lingüísticas e problemas didáticos, *in Dez anos de aculturação Tiriyó.* 1960-1970, p. 50-53. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971.

(75). — Pakovaty — nota de viagem. *Jornal de Filologia,* São Paulo, III (1): 27-32, 1955.

(76) — Estudos de lexicografia e semântica cearenses. *Anais do* v.º *Congresso Brasileiro de Folclore,* III: 137-321. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1951. Contribuição ao estudo da formação de palavras na linguagem popular cearense. *Rev do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 71: 5-29, 1957

(77) — Problemas do português da América. *in Língua, cultura e civilização,* p. 247-274, Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica, 1960. *Introdução ao estado da língua portuguesa no Brasil.* Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1963. 273 p.

(78) — *Folclore,* São Paulo, 2 (1): 5-9, 1953.

tigações lingüísticas no qual se dava importância aos estudos dos topônimos de origem indígena, freqüentes em países latino-amercanos. Exceção feita de alguns países, como México, Colômbia, Chile e Argentina, pouco ou nada se fez neste setor de pesquisa.

No Brasil a onomástica quase sempre esteve sob os cuidados de especialistas não lingüistas, quando não de leigos, resultando numa bibliografia que agrupa poucos títulos.

Dentre os autores que dão à toponomástica um cunho científico estão: Armando Levy Cardoso, Carlos Drumond, Frederico Edelweiss e Protásio Frikel.

De autoria do primeiro autor nomeado é a *Toponímia Brasílica* (79), onde está minuciosamente estudada a geonomástica Karib e Aruak.

Carlos Drumond, após cuidar dos topônimos de origem tupi, estudou os de origem Bororo (80) Essas designações geográficas, como afirma o autor, "têm significativa importância dentro do âmago da toponímia brasileira, pois foram dadas pelo próprio índio, não sendo produto da ação do civilizado, como sucedeu, p. ex., com a maior parte dos topônimos de origem tupi-guarani. Conseqüentemente, e este fato é inconteste, elas testemunham uma ocupação real por parte dos Bororo" de determinada região.

Ao longo de seus trabalhos de natureza gramatical, Frederico Edelweiss faz referências esclarecedoras sobre a toponomástica tupi, publicando, em 1967, um estudo a respeito dos "Topônimos indígenas do Rio de Janeiro quinhentista" (81), tomando como fonte documental o diálogo de Jean de Léry.

O cunho antropológico dos trabalhos de Protásio Frikel não lhe permite desdenhar das indagações e ponderações de ordem lingüística, onde os especialistas vão encontrar subsídios valiosos, mormente por tratarem de informações colhidas do próprio informante em seu habitat de origem. Como exemplo do afirmado, o leitor poderá ler "Denominações geográficas e etnográficas dos Kaxúyana" (82)

---

(79) — Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1961. 476 p.

(80). — Uma ilha bororo na toponímia brasileira. *Bol. Paulista de Geografia*, São Paulo, 17: 22-42, Jul. 1954.

(81) — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 275: 80-134, 1967 (1968).

(82) — *In Os Kayúyana: notas etno-históricas*, p. 65-78. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1970.

Conclusão

De relance, pensamos ter demonstrado que não é pouco o que já se fez em termos de lingüística indígena brasileira, mas ainda muito se tem a fazer, como bem observou Aryon Dall'Igna Rodrigues: "Das tarefas de lingüística pura que podemos entrever no Brasil e que reclamam a dedicação de especialistas com boa formação científica, devemos pôr em primeiro lugar a investigação das línguas indígenas. Os novos índios do Brasil ainda falam entre 100 e 150 idiomas indígenas. Estes, até há dez anos atrás, eram praticamente todos ignorados para a ciência. Em geral, tinha-se conhecimento apenas de sua existência — de muitos, nem mesmo isso — por informações em regra extremamente superficiais.

O estudo dessas línguas é evidentemente de grande importância para o incremento dos conhecimentos lingüísticos. Cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à lingüística; cada nova língua é uma outra manifestação de como se pode realizar a linguagem humana. Toda teoria lingüística e os métodos de trabalho do lingüista repousam, necessariamente, sobre a experiência que se vai adquirindo com as línguas e, como estas são diferentes, a experiência será mais completa, quanto maior for o número de línguas conhecidas. Cada nova estrutura lingüística que se descobre pode levar-nos a alterar conceitos antes firmados e pode abrir-nos horizontes novos para a visualização geral do fenômeno da linguagem humana.

As línguas indígenas constituem, um dos pontos para os quais os lingüistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da lingüística no Brasil. Se é lícito falar em responsabilidade de uma comunidade com respeito à investigação científica na região em que vive essa comunidade, então os lingüistas brasileiros têm aí uma responsabilidade enorme, que é não deixar que se percam para sempre cento e tantos documentos sobre a linguagem humana. E é esta não só a tarefa de maior responsabilidade, senão também a de maior dificuldade. Para dar conta dela não há apenas dificuldades de conseguir pessoal bem treinado em número suficiente para investigar tantas línguas em pouco tempo, mas é necessário encontrar os meios para que esse pessoal tenha acesso a essas línguas, o que implica, na maioria dos casos, em ter lingüistas preparados para ir trabalhar no interior do Pará e do Amazonas, nos territórios de Rio Branco, Rondônia e Roraima, enfrentando todos os problemas práticos e difíceis de estada em regiões extremamente afastadas, de poucos recursos e de transporte muito deficiente" (83)

---

(83). — Tarefas da lingüística no Brasil. *Estudos lingüísticos,* São Paulo I (1): 4-15, Jul. 1966.

ALGUMAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS EM ESTUDO

FAMÍLIA	*LÍNGUA*	*LOCALIZAÇÃO*
Tupi-Guarani	Asurini	rio Xingu
	Aweti	Parque do Xingu
	Guajajara	Maranhão
	Gua já	Maranhão (Norte)
	Guarani	M. Grosso, Paraná
	Kamayurá	Parque do Xingu
	Kanitiana	Rondônia
	Kayabi	Parque do Xingu
	Máku	Roraima
	Munduruku	rio Tapajós
	Nheengatu	vale amazônico
	Parintintin	rio Madeira
	Sataré (Maué)	rio Madeira
	Tapirapé	rio Tapirapé
	Tembé	rio Gurupi
	Tupinambá	litoral (período colonial)
	Urubu	rio Gurupi
JÊ	Xetá	S. dos Dourados (BR)
	Apinayé	rio Tocantins
	Kaingang	S.Paulo — Paraná
	Kayapó	rio Araguaia (Pará)
	Txukuhamei	Mato Grosso (Norte)
	Xavante	Mato Grosso
Karib	Apalai	Amapá
	Bakairi	Mato Grosso
	Galibi	Amapá
	Hixkaryána	rio Nhamundá
	Kuikuro	rio Kuluene
	Makuxi	Roraima
	Mayongong	fronteira Venezuela
	Taulipang	fronteira Guiana
	Tiriyó	fronteira G. Holandesa
	Waiwai	fronteira Guiana

FAMÍLIA	*LÍNGUA*	*LOCALIZAÇÃO*
Aruák	Apurinã	rio Acre
	Awaké	Roraima
	Palikur	fronteira G. Francesa
	Paresi	rio Juruena
	Terena	Mato Grosso (sul)
	Wapitxana	fronteira Guiana
	Waurá	Parque do Xingu
Xirianá	Xirianá	

	Palimitéri (Parimitéri)	
Nambikuára	Mamaindé	Mato Grosso (noroeste)
	Nambikuára	
Mura	Pirahã	rio Madeira
Kariri	Kipeá	Nordeste

FILIAÇÃO NÃO DEFINIDA

Trumai	Parque do Xingu
Eripaktsá (aripaktsá)	Mato Grosso (noroeste)
Irantxe	Mato Grosso (norte)
Maku	Roraima
Bororo	Mato Grosso (centro)
Maxakali	Minas Gerais (nordeste)
Fulniô (iate)	Pernambuco
Karajá	rio Araguaia

Estudos lingüísticos de grupos indígenas brasileiros
(número de estudos e porcentagens)

Grupos	Estudos realizados por brasileiros		Estudos realizados por estrangeiros	
	n.º	%	n.º	%
Tupi-Guarani	49	58,33	35	41,77
Jê	7	23,33	23	76,67
Karib	5	22,72	17	77,28
Aruak	10	35,71	18	64,29
Bororo	15	71,43	6	28,57
Outras famílias e línguas	32	58,18	23	41,82
Estudos sobre parentesco e classificação lingüística	4	15,38	22	84,62
Totais dos estudos	118	49,17	122	50,83

Bibliografia:

Frikel, Protásio

Classificação lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 6 (2): 113-119, 1958.

Malcher, José M. Gama

Índios — grau de integração na sociedade nacional, grupo lingüístico, localização.

Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1962. 264 p.

Magalhães, Erasmo d'Almeida
Bibliografia descritiva de lingüística indígena brasileira: 1954-1965
São Paulo, Universidade de São Paulo (Cad. de Línguas Indígenas do Brasil), 1967. 70 p.

Migliazza, Ernesto
Grupos lingüísticos do território federal de Roraima.
Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica, 2: 153-174.
Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Pesquisas, 1967

Museu Nacional (Rio de Janeiro)
O Setor Lingüístico do Museu Nacional
Rio de Janeiro, 1965. 48 p.

Ribeiro, Darcy
Línguas e culturas indígenas do Brasil
Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1957
102 p.

Rodrigues, Aryon Dall' Igna
Tarefa da lingüística no Brasil. *Estudos Lingüísticos,* São Paulo, 1 (1): 4-15, 1966.